

APRESENTAÇÃO

Interpretar o passado e torná-lo compreensível tem sido desde sempre o grande desafio ao ofício do historiador que, imerso em seu tempo, força essas barreiras para adentrar nas sombras dispersas de outros lugares, culturas e tensões sociais.

Deslizando da fixidez do acontecido para a plasticidade do acontecimento, o historiador passou a acatar a incerteza e a provisoriedade do conhecimento e, desde então, tem procurado trabalhar com a heterogeneidade de experiências sociais vivenciadas no presente e no passado, ressaltando suas latências, perscrutando em fragmentos algum sentido, investigando minúcias em terrenos e rumores estranhos.

E, por conseguinte, seu trabalho o leva a lidar simultaneamente com representações e práticas de outros horizontes, bem como com a opacidade da sua sintaxe, ou melhor, com a representação, o ainda não representado, as suas formas reflexivas de apresentação – ou linguagens – e seus suportes. À identidade das representações opõem outras forças, outros enredos, outras experiências históricas, cujo excedente de significações permanece como um campo aberto de possibilidades de conhecimento.

À tarefa do historiador, que recolhe e organiza com familiaridade e estranhamento vestígios dispersos, impõe-se o abandono da homogeneidade do tempo, a segurança dos campos disciplinares e o compromisso com indícios das margens, das transgressões e das ambivalências.

O presente número da revista *Projeto História* procurou entrevistar e reunir traduções, artigos, pesquisas e resenhas que preservassem o caráter problemático e rico do conhecimento que trabalha com as interfaces de modalidades plurais de linguagens e suportes. Ouvir a imagem, ler a música, olhar o texto, rezar o riso, cantar a roupa, decifrar a memória, sondar o corpo, dançar as cores permite ao historiador melhor conhecer o significado e a repercussão dessas linguagens, ampliar sua inteligibilidade e, ao mesmo tempo, ultrapassar os seus limites.

Artes da História no sentido de acompanhar como historiadores abrem novos campos e ultrapassam seus limites, na dinâmica de incorporar, aos pressupostos do conhecimento histórico e à arena dos conflitos, múltiplas e dissonantes manifestações culturais.

Como têm sido trabalhados falares, sonoridades, imaginários, sensibilidades, performances corporais constituídas e constitutivas de processos historicamente experimentados? Como historiadores e demais pesquisadores sociais dialogam com formas de expressão, artes e ofícios indissociáveis dos suportes tecnicamente disponibilizados em meio às relações vigentes? Estas questões constituem o campo de reflexões proposto.

Tendo presente que os diferentes suportes – onde homens, mulheres e crianças imprimem suas percepções e compreensões das relações experimentadas – comportam códigos de narração próprios, que não determinando seu uso contêm, em potencial, diferentes estratégias políticas de utilização, ainda importa considerar como sujeitos históricos, em seu aqui e agora, exploraram e usufruíram destes recursos para cunhar suas relações, territórios, valores, crenças, astúcias, tensões e possíveis devires.

*Maria Antonieta Antonacci
Marina Maluf
Editoras Científicas*